

Sociologia
Colégio Pedro II
7º Ano

Sugestões de leituras e atividades para a quarentena

Queridos e queridas estudantes, aqui é o professor Nicolau, do Campus de São Cristóvão II. Espero que todos vocês e seus familiares estejam bem.

A equipe de Sociologia do Colégio Pedro II tem preparado atividades e sugestões de leituras, de vídeos para vocês estudarem durante a quarentena. Lembrem-se, elas não são atividades obrigatórias ou que valerão notas, mas podem ser feitas para vocês continuarem estudando a aprendendo, mesmo distantes da escola.

Separei aqui um texto do sociólogo Boaventura de Souza Santos, que reflete sobre quais têm sido os grupos sociais mais afetados pela pandemia. Ele escreveu esse texto bem no começo da doença, quando ela atingia principalmente a Europa e ainda não tinha chegado com força no Brasil. Por isso mesmo, ele esqueceu de mencionar alguns grupos sociais que depois descobrimos que eram os mais afetados pela pandemia. Uma das tarefas dessa atividade é descobrir quem foi esquecido pelo sociólogo no texto.

Depois, separei um conjunto de textos e poemas de dois escritores indígenas: Eliane Potiguara e Ailton Krenak. Esses textos não falam diretamente da pandemia, mas eles podem nos ajudar a refletir sobre questões que a quarentena e a doença nos trouxeram: será possível viver de um modo diferente do qual vivemos na nossa sociedade? Em que medida o nosso jeito de viver e de se relacionar com a natureza contribui para crises ambientais e de saúde como as que vivenciamos atualmente? O que podemos aprender com os indígenas sobre como lidar com essas crises?

Desejo muita força, saúde e esperança para atravessar esses tempos difíceis da pandemia. Cuidem-se e cuidem das pessoas próximas de vocês. Até breve!

1. Leia o texto abaixo:

A cruel pedagogia do vírus

Boaventura de Souza Santos

(Texto adaptado)

Qualquer quarentena é sempre discriminatória e mais difícil para uns grupos sociais que para outros. Neste texto analiso alguns grupos para os quais a quarentena é particularmente difícil. Eles sofrem com uma desigualdade que é anterior à quarentena e se agrava com ela. Tais grupos sofrem com a injustiça causada pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação entre homens e mulheres. Proponho-me analisar a quarentena a partir da perspectiva daqueles e daquelas que mais têm sofrido com essas formas de dominação. São muitos esses grupos sociais. Selecionei apenas alguns.

Discriminação: é o ato de tratar diferentemente uma pessoa ou grupo social por conta de sua cor de pele, seu sexo, sua religião ou sua classe social. Uma ação discriminatória causa a destruição dos direitos fundamentais do ser humano, prejudicando uma pessoa no seu contexto social, cultural, político ou econômico.

As mulheres. A quarentena será particularmente difícil para as mulheres e, em alguns casos, pode mesmo ser perigosa. As mulheres são consideradas “as cuidadoras do mundo”, são maioria na prestação de cuidados dentro e fora das famílias. São maioria em profissões como enfermagem ou assistência social, que estarão na linha da frente da prestação de cuidados a doentes e idosos dentro e fora dos hospitais. Para garantir a quarentena dos outros, não podem ter a sua própria quarentena. São elas também que continuam a ter a seu cargo o cuidado das famílias. Colocadas em quarentena, poderia imaginar-se que, havendo mais braços em casa, as tarefas poderiam ser mais distribuídas. Suspeito que assim não será, em face do machismo que impera e talvez se reforce em momentos de crise e de confinamento familiar. O aumento do número de divórcios em algumas cidades chinesas durante a quarentena pode ser um indicador do que acabo de dizer. Por outro lado, é sabido que a violência contra as mulheres tende a aumentar em tempos de guerra e de crise – e tem aumentado agora. Uma boa parte dessa violência ocorre no espaço doméstico. O confinamento das famílias em espaços pequenos e sem saída pode oferecer mais oportunidades para o exercício da violência contra as mulheres.

Os trabalhadores precários, informais, ditos autônomos. Depois de quarenta anos de ataque aos direitos dos trabalhadores em todo o mundo por parte das políticas neoliberais, a maioria dos trabalhadores no mundo está na informalidade, sem carteira assinada, direitos trabalhistas e proteções contra o desemprego. O que significará a quarentena para esses trabalhadores, que tendem a ser os mais rapidamente despedidos sempre que há uma crise econômica? No dia 23 de março, a Índia declarou quarentena por três semanas, envolvendo 1,3 bilhão de habitantes. Considerando que lá entre 65% e 70% dos trabalhadores pertencem à economia informal, calcula-se que 300 milhões de indianos ficaram sem rendimentos. Na América Latina, cerca de 50% dos trabalhadores empregam-se no setor informal. Isso significa que eles dependem de um salário diário; mesmo os que possuem um emprego formal gozam de poucos benefícios contratuais. A indicação por parte da OMS para trabalhar em casa e em autoisolamento é impraticável, porque obriga os trabalhadores a escolher entre ganhar o pão diário ou ficar em casa e passar fome. As recomendações da OMS parecem ter sido elaboradas pensando numa classe média que é uma pequeníssima fração da população mundial. O que significa a quarentena para trabalhadores que ganham dia a dia para viver dia a dia? Arriscarão desobedecer à quarentena para dar de comer à família? Como resolverão o conflito entre o dever de alimentar a família e o dever de proteger sua vida e a vida dos seus?

Políticas neoliberais: desde os anos 1990, muitos governos passaram a adotar políticas para reduzir os direitos trabalhistas (como o seguro desemprego, a garantia do emprego contra a demissão sem justa causa etc.) e a interferência do estado na economia, com o argumento de que isso favoreceria o crescimento econômico e a criação de empregos. Como consequência dessas políticas, cresceu o setor informal do mercado de trabalho, ou seja, daqueles que fazem bicos e trabalhos sem carteira e direitos, tais como faxineira, vendedor ambulante, motorista de Uber.

Os trabalhadores da rua. Estes formam um grupo específico dos trabalhadores precários. São vendedores ambulantes, para quem o “negócio” (isto é, a subsistência) depende exclusivamente da rua, de quem nela passa e da decisão dessa pessoa de lá passar, parar e comprar alguma coisa – o que é sempre

imprevisível para o vendedor. Há muito tempo que os vendedores vivem em quarentena, na rua, mas na rua com gente. O impedimento de trabalhar para os que vendem nos mercados informais das grandes cidades significa que potencialmente milhões de pessoas não terão dinheiro sequer para ir às unidades de saúde se caírem doentes ou para comprar sabão para lavar as mãos. [...]

Os moradores das favelas e periferias pobres das cidades. Segundo dados da ONU Habitat, 1,6 bilhão de pessoas não têm habitação adequada, e 25% da população mundial vive em bairros informais sem saneamento básico, acesso a serviços públicos, com escassez de água e de eletricidade. Vivem em espaços muito pequenos onde se aglomeram famílias numerosas. Em resumo, habitam a cidade sem direito à cidade, já que, vivendo em espaços desurbanizados, não têm acesso às condições urbanas pressupostas pelo direito à cidade. Dadas as condições de habitação, poderão cumprir as regras de prevenção recomendadas pela OMS? Poderão manter a distância nos espaços pequenos de habitação onde a privacidade é quase impossível? Poderão lavar as mãos com frequência quando a pouca água disponível tem de ser poupada para beber e cozinhar? [...] Muitos desses bairros são hoje fortemente policiados e por vezes sitiados por forças militares sob o pretexto de combate ao crime. Não será esta, afinal, a quarentena mais dura para essas populações? Os jovens das favelas do Rio de Janeiro, que sempre foram impedidos pela polícia de ir aos domingos à praia de Copacabana para não perturbar os turistas, não sentirão que já viviam em quarentena? Qual é a diferença entre a nova quarentena e a original, que foi sempre seu modo de vida? [...]

Os internados em campos para refugiados, os imigrantes indocumentados ou as populações deslocadas internamente. Segundo dados da ONU, são 70 milhões. Trata-se de populações que, em grande parte, vivem em permanente quarentena e em relação às quais a nova quarentena pouco significa enquanto regra de isolamento. Mas os perigos que enfrentam no caso de o vírus se propagar entre eles serão fatais e ainda mais dramáticos que os que enfrentam as populações das periferias pobres. Por exemplo, no Sudão do Sul, onde mais de 1,6 milhão de pessoas estão deslocadas internamente, são necessárias horas, senão dias, para chegar às unidades de saúde. As principais causas de morte são malária e diarreia, doenças para as quais já há remédios. No caso dos campos de internamento às portas da Europa e dos EUA, a quarentena causada pelo vírus impõe o dever ético humanitário de abrir as portas dos campos de internamento sempre que não for possível criar neles as mínimas condições de habitação e de segurança exigidas pela pandemia. [...]

A lista dos que são mais afetados pela discriminação e desigualdade na quarentena está longe de terminar. Basta pensar em gente encarcerada em prisões e nas pessoas com problemas de saúde mental, nomeadamente depressão. Mas o elenco selecionado mostra duas coisas. Por um lado, ao contrário do que é veiculado pela mídia e pelas organizações internacionais, a quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento injusto que elas provocam. Acontece que tais desigualdades se tornam mais invisíveis em face do pânico que se apodera dos que não estão habituados a esse sofrimento.

A partir da leitura do texto acima, reflita e responda às seguintes perguntas:

1. A quarentena afeta todos os grupos sociais da mesma forma? Para elaborar sua resposta, utilize a ideia de **discriminação** e cite um exemplo apresentado pelo sociólogo Boaventura de Souza Santos no texto.
2. Você conhece alguém que se encontra em um desses grupos sociais que mais sofrem com a quarentena e a pandemia? Se sim, conte um pouco como a pandemia afetou a vida dessa pessoa.
3. No final do texto, Boaventura de Souza Santos diz que não incluiu todos os grupos que sofrem com discriminações durante a quarentena. Você consegue lembrar de um grupo social que no Brasil tem sofrido mais com a discriminação e a desigualdade na quarentena e não foi incluído pelo sociólogo na lista? Desenvolva seu argumento pesquisando sobre como esse grupo social tem sofrido mais que outros durante a pandemia.

2. Povos indígenas e a pandemia

Situações de crise são momentos que favorecem uma postura que as cientistas sociais sempre adotam quando analisam uma sociedade: *estranhar o familiar e familiarizar o estranho*. Por exemplo, quando uma antropóloga vai realizar uma pesquisa em uma aldeia indígena, ela não busca encontrar o mesmo jeito de viver da nossa sociedade, mas um modo de vida, de pensar e de agir diferente que lhe ajude inclusive a refletir sobre o modo como ela mesma vive. Essa descoberta de que há diferentes modos de se viver em sociedade é uma das vantagens do estudo de outras culturas realizadas pela antropologia.

Com a pandemia vivenciamos uma situação não muito diferente dessa antropóloga que foi a uma sociedade distante para pesquisar diferentes jeitos de se viver. A situação de quarentena nos fez sair da rotina e questionar hábitos e costumes que antes nós não percebíamos. Além disso, podemos escutar durante a pandemia vozes de pessoas de outras sociedades e culturas que nos trazem conhecimentos sobre como enfrentar essa crise e outros problemas que foram criados pela nossa relação com o meio ambiente. Os diferentes povos indígenas brasileiros produzem em livros e na memória coletiva muitos conhecimentos que podem nos ensinar muito. Vamos escutar as vozes de alguns desses intelectuais indígenas e o que eles têm a nos dizer?

Os indígenas no Brasil fazem parte de um dos grupos que mais tem sofrido as consequências da pandemia da Covid-19, e isso não só porque eles fazem parte de uma população que não desenvolveu uma resistência às doenças disseminadas pelos brancos. Esse é um dos fatores, mas há outros mais sociais. Muitos indígenas vivem em áreas de preservação e em territórios indígenas da Amazônia que sofrem com a invasão recente da agricultura e da mineração, onde o contato violento com madeireiros, mineradores e fazendeiros armados com revólveres e vírus tem sido mortífero para os indígenas. Além disso, há muitos indígenas que vivem “desaldeados”, ou seja, foram forçados a migrarem e expulsos de suas aldeias e territórios para as favelas das grandes cidades ou para a beira das rodovias, vivendo em territórios bem pequenos que não lhes permitem manter seu modo de vida e sua cultura, nem uma dieta alimentar rica em nutrientes. Tudo isso pode ser devastador em um momento de pandemia como o que vivenciamos. Sobre essa migração forçada que acabou desfazendo laços familiares, a indígena Eliane Potiguara escreveu um livro, chamado *Metade cara, metade máscara* com relatos da história de sua própria família e poemas belíssimos. A seguir alguns trechos desse livro para você ler e refletir:

Quer aprender mais sobre os povos indígenas no Brasil?

Visite o site [Povos indígenas do Brasil - Mirim](#), lá você poderá descobrir [como vivem](#) os mais de 250 povos indígenas no território brasileiro, [quem são](#) os mais de 900 mil indígenas, quais [línguas](#) eles falam e muitas outras informações. Sugiro que vocês vejam os vídeos e leiam os textos sobre como as crianças indígenas brincam: [clique aqui](#) para ter acesso a esses vídeos e textos. As brincadeiras indígenas são muito diferentes daquelas que você conhece?

Nesses tempos de pandemia, temos que descobrir novas formas de aprender e de conhecer para além daquilo que aprendemos na escola. Será que as crianças e adolescentes indígenas aprendem como nós, indo à escola e convivendo com os familiares mais próximos? Ou eles aprendem de maneiras diferentes? Quer descobrir? [Clique aqui](#).

Metade Cara, Metade Máscara

Eliane Potiguara

O processo de colonização e neocolonização dos povos indígenas no Brasil os conduziu ao trabalho semiescravo, em um regime de exploração causado pela invasão de milhares de grupos, tais como os madeireiros, garimpeiros, fazendeiros, mineradoras, caminhoneiros, empresários de hidrelétricas, rodovias, pistas de pouso etc.

Tal invasão, feita com autorização de políticas locais e com a concordância governamental, causou, nas últimas décadas, o desmatamento, o assoreamento dos rios, a poluição ambiental e a diminuição da biodiversidade local, entre outros estragos. As invasões trouxeram as doenças, a fome, o empobrecimento da população indígena. E mais: as dificuldades locais levaram muitas pessoas à migração, ao trabalho semiescravo e a péssimas condições de moradias (favelas, casas de palafitas na periferia dos centros urbanos).

A colonização e a invasão dos territórios indígenas são refletidas também por grupos de interesses religiosos que, ao longo da história do Brasil, vêm confundindo as crenças indígenas com “superstição” e “ideias perigosas”. Impor culturas dominantes ou uma religião contra a vontade de um povo é uma forma de racismo.

O reconhecimento e a garantia das terras indígenas nunca foi uma prioridade governamental. Uma política que garantisse e respeitasse os povos indígenas como unidades sociais e culturais diferentes deveria ser uma prioridade como respeito histórico. Nunca se realizou na prática uma política voltada aos interesses e projetos econômicos propostos pelos indígenas, baseados em sua biodiversidade, com segurança para a saúde, a educação, a agricultura, levando em consideração sua cultura diferenciada.

Oração pela libertação dos povos indígenas

Parem de podar as minhas folhas e tirar a minha enxada

Basta de afogar as minhas crenças e torar minha raiz.

Cessem de arrancar os meus pulmões e sufocar minha razão

Chega de matar minhas cantigas e calar a minha voz.

Não se seca a raiz de quem tem sementes

Espalhadas pela terra pra brotar.

Não se apaga dos avós – rica memória

Veia ancestral: rituais pra se lembrar

Não se aparam largas asas

Que o céu é liberdade

E a fé é encontra-la.

Rogai por nós, meu pai-Xamã

Pra que o espírito ruim da mata

Não provoque a fraqueza, a miséria e a morte.

Rogai por nós – terra nossa mãe

Pra que essas roupas rotas

E esses homens maus

Se acabem ao toque dos maracás.

Afastai-nos das desgraças, da cachaça e da discórdia,

Ajudai a unidade entre as nações.

Alumiai homens, mulheres e crianças,

Apagai entre os fortes a inveja e a ingratidão.

Dai-nos luz, fé, a vida nas pajelanças,

Evitai, Ó Tupã, a violência e a matança.

Num lugar sagrado junto ao igarapé.
 Nas noites de lua cheia, ó MARÇAL, chamai
 Os espíritos das rochas pra dançarmos o Toré.
 Trazei-nos nas festas da mandioca e pajés
 Uma resistência de vida
 Após bebermos nossa chicha com fé.
 Rogai por nós, ave-dos-céus
 Pra que venham onças, caititus, siriemas e capivaras
 Cingir rios Juruena, São Francisco ou Paraná.
 Cingir até os mares do Atlântico
 Porque pacíficos somos, no entanto.
 Mostrai nosso caminho feito boto
 Alumiai pro futuro nossa estrela.
 Ajudai a tocar as flautas mágicas
 Pra vos cantar uma cantiga de oferenda
 Ou dançar num ritual Iamaká.
 Rogai por nós, ave-Xamã
 No Nordeste, no Sul toda manhã.
 No Amazonas, agreste ou no coração da cunhã.
 Rogai por nós, araras, pintados ou tatus,
 Vinde em nosso encontro
 Meu Deus, NHENDIRU!
 Fazei feliz nossa mintã
 Que de barrigas índias vão renascer.
 Dai-nos cada dia de esperança
 Porque só pedimos terra e paz
 Pra nossas pobres – essa ricas crianças.

Cessar: parar;
Nhéndiru: Deus;
Mintã: criança;
Boto: um mamífero que em várias narrativas indígenas mostra o caminho;
Pajelanças: rituais que o xamã (pajé) realiza para curar ou para magia;
Chicha: uma bebida fermentada de milho pelos povos indígenas dos Andes desde a época do Império Asteca;
Cingir: estar à volta ou incluir em seu interior; rodear;

Vamos refletir sobre alguns trechos desse poema:

- **O que o poema pede para parar de ocorrer com os povos indígenas?**
- **Há alguns versos nesse poema que falam indiretamente sobre as doenças contagiosas, os vírus levados pelos brancos que acabam matando os indígenas. Tente encontrar esses versos. Uma dica: um deles pode falar indiretamente às infecções respiratórias.**
- **O poema fala em resistência e em preservação da cultura indígena? Explique.**

O próximo poema de Eliane Potiguara fala sobre a identidade indígena:

Identidade indígena

Em memória dos meus avós, escrito em 1975 (versão indígena)

Nosso ancestral dizia: Temos vida longa!
 Mas caio da vida e da morte
 E range o armamento contra nós.
 Mas enquanto eu tiver o coração acesso
 Não morre a indígena em mim
 E nem tampouco o compromisso que assumi
 Perante os mortos

De caminhar com minha gente passo a passo
E firme, em direção ao sol.
Sou uma agulha que ferve no meio do palheiro
Carrego o peso da família espoliada
Desacreditada, humilhada
Sem forma, sem brilho, sem fama.

Espoliada: quem teve sua terra roubada, que perdeu algo que lhe pertencia de direito;

Mas não sou eu só
Não somos dez, cem ou mil
Que brilharemos no palco da História.
Seremos milhões, unidos como cardume
E não precisaremos mais sair pelo mundo
Embebedados pelo sufoco do massacre
A chorar e derramar preciosas lágrimas
Por quem não nos tem respeito.

A migração nos bate à porta
As contradições nos envolvem
As carências nos encaram
Como se batessem na nossa cara a toda hora.
Mas a consciência se levanta a cada murro
E nos tornamos secos como o agreste
Mas não perdemos o amor.

Porque temos o coração pulsando
Jorrando sangue pelos quatro cantos do universo.
Eu viverei 200, 500 ou 700 anos
E contarei minhas dores pra ti
Oh! Identidade
E entre um fato e outro
Morderei tua cabeça
Como quem procura a fonte da tua força
Da tua juventude
O poder da tua gente
O poder do tempo que já passou
Mas que vamos recuperar.
E tomaremos de assalto moral
As casas, os templos, os palácios
E os transformaremos em aldeias do amor
Em olhares de ternura
Como são os teus, brilhantes, acalentante identidade
E transformaremos os sexos indígenas
Em órgãos produtores de lindos bebês
guerreiros do futuro
E não passaremos mais fome
Fome de alma, fome de terra, fome de mata
Fome de História
E não nos suicidaremos
A cada século, a cada era, a cada minuto

Acalentante: aquilo que acalma, que trata com carinho, que nos dá conforto.

E nós, indígenas de todo o planeta,
Só sentiremos a fome natural
E o sumo de nossa ancestralidade
Nos alimentará para sempre
E não existirão mais úlceras, anemias, tuberculosos
Desnutrição
Que irão nos arrebatar
Porque seremos mais fortes que todas as
células cancerígenas juntas

De toda a existência humana.
E os nossos corações?
Nós não precisaremos catá-los
aos pedaços mais do chão!
E pisaremos a cada cerimônia nossa
Mais firmes
E os nossos neurônios serão tão poderosos
Quanto nossas lendas indígenas
Que nunca mais tremeremos diante das armas
E das palavras e olhares dos que “chegaram e não foram”.
Seremos nós, doces, puros, amantes, gente e normal!
E te direi identidade: Eu te amo!
E nos recusaremos a morrer,
A sofrer a cada gesto, a cada dor física, moral e espiritual.
Nós somos o primeiro mundo!

Aí queremos viver pra lutar
E encontro força em ti, amada identidade!
Encontro sangue novo pra suportar esse fardo
Nojento, arrogante, cruel...
E enquanto somos dóceis, meigos
Somos petulantes e prepotentes
Diante do poder mundial
Diante do aparato bélico
Diante das bombas nucleares.

Desplazados: deslocados, que tiveram que deixar seu território e foram obrigados a migrar para as cidades.

Nós, povos indígenas,
Queremos brilhar no cenário da História
Resgatar nossa memória
E ver os frutos de nosso país, sendo divididos
Radicalmente
Entre milhares de aldeados e “desplazados”
Como nós.

Esse poema foi escrito em 1975 e lido por Eliane Potiguara em uma Assembleia da Organização das Nações Unidas (ONU). Ele trata de diversos assuntos, mas como o próprio título sugere o tema principal é a identidade indígena. O que você acha que a autora quer dizer no verso: “não morre a indígena em mim”?

Qual trecho desse poema você achou mais forte ou bonito? Por que?

Vamos ler agora trechos do livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, do líder indígena Ailton Krenak. Neste livro, o autor reflete sobre a relação dos indígenas com a natureza. Podemos aprender um pouquinho com ele e refletir sobre como a relação da nossa sociedade capitalista com a natureza acaba produzindo situações como a pandemia da Covid-19.

Ideias para adiar o fim do mundo (texto adaptado)

Ailton Krenak

Nos contaram, durante muito tempo, a história de que somos a humanidade e de que estamos separados da Terra, que seria uma coisa e nós, outra. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.

Li uma história de um pesquisador europeu do começo do século XX que estava nos Estados Unidos e chegou a um território Hopi, um povo indígena. Ele tinha pedido que alguém daquela aldeia facilitasse o encontro dele com uma senhora muito sábia que ele queria entrevistar. Quando foi encontrá-la, ela estava parada perto de uma rocha. O pesquisador ficou esperando, até que falou: “Ela não vai conversar comigo, não?”. Ao que seu facilitador respondeu: “Ela está conversando com a irmã dela”. “Mas é uma pedra”, disse o pesquisador. E o camarada disse. “Qual é o problema?”

Tem uma montanha rochosa na região onde o rio Doce foi atingido pela lama da mineração. A aldeia Krenak fica na margem esquerda do rio, na direita tem uma serra. Aprendi que aquela serra tem nome, Takakrak, e personalidade. De manhã cedo, de lá do terreiro da aldeia, as pessoas olham para ela e sabem se o dia vai ser bom ou se é melhor ficar quieto. Quando ela está com uma cara do tipo “não estou para conversa hoje”, as pessoas já ficam atentas. Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens claras sobrevoando a sua cabeça, toda enfeitada, o pessoal fala: “Pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser”.

Assim como aquela senhora hopi que conversava com sua irmã pedra, tem um monte de gente que fala com montanhas. No Equador, na Colômbia, em algumas dessas regiões dos Andes, você encontra lugares onde as montanhas formam casais. Tem mãe, pai, filho, tem uma família de montanhas que troca afeto, faz trocas. E as pessoas que vivem nesses vales fazem festas para essas montanhas, dão comida, dão presentes, ganham presentes das montanhas. [...]

Quando nós falamos para um branco que o nosso rio é sagrado, as pessoas dizem: “Isso é algum folclore deles”; quando dizemos que a montanha está mostrando que vai chover e que esse dia vai ser um dia bom, eles dizem: “Não, uma montanha não fala nada”.

Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, nós liberamos esses lugares para que se tornem recurso natural para uma atividade industrial ou extrativista. Do nosso divórcio com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só aos indígenas, mas a todos. [...]

Os únicos grupos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra, e não separados dela e da natureza, são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras

dos oceanos. São caiçaras, índios, quilombolas. Parece que esses grupos querem comer terra, mamar na terra, dormir deitados sobre a terra, envoltos na terra. A união desses povos com a terra é uma coisa que incomoda, tanto que as grandes empresas têm criado cada vez mais mecanismos para separar esses filhotes da terra de sua mãe. As empresas dizem: “Vamos separar esse negócio aí, gente e terra, essa bagunça. É melhor colocar um trator, um extrator na terra. Gente não, gente é uma confusão. E, principalmente, gente que não está treinada para dominar esse recurso natural que é a terra”. Recurso natural para quem? [...]

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de povos espalhados pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convidados a fazer parte não tolera tanto prazer, tanta vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. [...]

Como os povos originários (indígenas) do Brasil lidaram com a colonização, que queria acabar com o seu mundo? Quais estratégias esses povos utilizaram para cruzar esse pesadelo e chegar ao século XXI ainda esperneando, reivindicando e desafinando o coro dos contentes? Vi as diferentes manobras que os nossos antepassados fizeram e me alimentei delas, da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos. [...]

Há centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam muito sobre como adiar o fim do mundo. Nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo, somos parte do todo. Isso talvez tire um pouco da vaidade dessa humanidade que nós pensamos ser, além de diminuir a falta de reverência que temos o tempo todo com as outras companhias que fazem essa viagem cósmica com a gente.

Os povos indígenas Hopi e Krenak pensam que a natureza é separada e distante do ser humano? Explique.

Por que há tanta intolerância e violência contra os povos indígenas, segundo Krenak? (Se você ver o vídeo da entrevista ficará mais fácil responder)

Como seria possível adiar o fim do mundo segundo Krenak?

Quer aprender um pouco mais com as ideias e as lutas de Ailton Krenak? Veja a entrevista com ele feita pelo Le Monde Diplomatique Brasil no vídeo abaixo:

[Vozes da Floresta - Ailton Krenak](#)

